

## TERRACOTAS TARENTINAS E O CULTO HERÓICO EM UMA ÁREA COLONIAL

Elaine Farias Veloso Hirata\*

“... fazer falar os mortos com discernimento e pertinência, é o ABC da arte de governar”  
(Julien Gracq, citado por Bérard 1982: 89)

HIRATA, E.F.V. Terracotas tarentinas e o Culto Heróico em uma área colonial. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8: 129-143, 1998.

**RESUMO:** A colônia espartana de Tarento produziu uma série de estatuetas de terracota representando uma figura masculina reclinada em leito de banquete e acompanhada, por vezes, de uma figura feminina e uma criança. Estas figurinhas – manufaturadas por mais de três séculos – foram encontradas em quantidades fabulosas: milhares em um só depósito votivo. A interpretação dos personagens vem sendo debatida desde os fins do século passado, quando ocorreram os primeiros achados. Não há, no entanto, estudos sistemáticos a respeito. Consideramos que há indícios arqueológicos e textuais suficientes para que se possa associar tais representações aos **cultos heróicos** que, na área colonial voltam-se para a figura do fundador (*oikistés*), configurando um interessante paralelo com o que ocorre na Grécia, quando da emergência das *póleis*. Nesta perspectiva, o culto heróico, em suas diferentes formas, atua como um complexo conceito que articula versões do passado que legitimam formas emergentes de poder político.

**UNITERMOS:** Tarento – Culto Heróico – “Banqueteadores” – Terracotas – Poder político.

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo abriga, desde 1964, uma coleção de estatuetas de terracota produzidas na Península Itálica desde o séc. VII a.C., seja em áreas colonizadas pelos gregos ou então em sítios sob sua influência direta.<sup>1</sup> Há exemplares prove-

(\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(1) Esta coleção resulta de um intercâmbio de acervo arqueológico e etnográfico brasileiro com vários museus italianos, formando o núcleo do Museu de Arte e Arqueologia, e compreende 65 exemplares, incluindo estatuetas, elementos arquitetônicos, placas em relevo, pequenos prótomos e cabeças femininas e um altar portátil (**arula**).

nientes dos mais importantes centros produtores coloniais tais como Locres, Medma, Tarento, Régio, situados no continente, e Selinonte e Gela, na Sicília. Esta coleção constitui uma pequena mas significativa amostragem da produção coroplástica da Magna Grécia durante o período arcaico (sécs. VII e VI) e helenístico (em especial, sécs. III - II a.C.), suscitando o tratamento de questões importantes para o conhecimento dos desdobramentos da cultura grega no Mediterrâneo Ocidental.

Um dos conjuntos significativos de estatuetas reúne um grupo de seis figurinhas que se inserem, iconograficamente, em séries conhecidas como “Banqueteadores” nos catálogos e obras de refe-

rência sobre a coroplastia colonial.<sup>2</sup> Trata-se, na versão mais simples e representativa, de uma figura masculina reclinada em um tipo especial de leito presente nos banquetes (*kline*), segurando uma taça de vinho. Os primeiros achados de “Banqueteadores” ocorreram em 1881, no sítio de Tarento, onde em apenas um depósito – perto do **Mare Piccolo**, na propriedade Giovinazzi – foram encontradas mais de 20.000 peças.

A persistência deste tipo iconográfico por séculos e a altíssima incidência destes achados nos depósitos votivos de Tarento, constituem um grande desafio para os arqueólogos, que buscam interpretá-los desde que os primeiros exemplares foram documentados no sítio. A grande difusão dos cultos heróicos na Grécia – situada, *grosso modo*, entre 750 e 650 a.C. –, coincidindo com a primeira vaga de colonização grega no Mediterrâneo Ocidental e com indícios de processos de heroicização dos fundadores (*oikistés*), constituem dados interdependentes e sugerem uma perspectiva de análise profícua para as figurinhas em terracota. Interpretá-las como “mortos heroicizados” foi, e ainda é, uma hipótese defendida por alguns especialistas (v. Bibliografia). Nos parece, no entanto, que esta eventual “heroicização” ocorre dentro de uma situação política bastante específica – a consolidação de um poder político emergente e a legitimação da posse de um território – e que a religião, de forma bastante similar ao que ocorre na Grécia ao momento da emergência das *póleis*, assume um papel inquestionável de liderança na definição da nova ordem que se instaura. Os cultos religiosos – especialmente aqueles que se voltam para o passado resgatando figuras míticas ou históricas comprometidas, em geral, com um ideário conservador mas que, reinterpretadas ideologicamente dão a necessária sustentação política aos novos grupos que lutam pelo poder – constituem a base sobre a qual se estruturam tanto a fundação colonial quanto as *póleis* metropolitanas.

Assim, nossa perspectiva de análise parte do pressuposto de que os cultos heróicos têm como referência principal uma “releitura” ou uma “apropriação” ideologicamente orientada do passado,<sup>3</sup> diante da instabilidade gerada por momentos de

crise em especial do poder político.<sup>4</sup> Por outro lado, consideramos que as diferentes formas que assumem estes cultos respondem a circunstâncias históricas locais e que, como tal, devem ser investigadas.<sup>5</sup> Tarento será, portanto, um estudo de caso nesta linha de interpretação.

### A colônia espartana de Tarento

De acordo com o relato de Eusébio (Chron. 91b), Tarento teria sido fundada em 706 a.C. por espartanos conduzidos por Falantos – personagem histórico-lendário – a quem o oráculo de Delfos indicara o sítio adequado para o assentamento das primeiras levas de colonos (Diod. Síc. 8. 21).

As origens lendárias mencionam os “partênios” como o grupo responsável pela fundação de Tarento. Estes seriam os filhos ilegítimos nascidos de uniões entre hilotas e mulheres espartanas ocorridas durante a longa ausência de seus maridos em luta contra os messênios. (Estrabão, 6.3.2; Pausânias, 10.6-8). O motivo que os levara a abandonar Esparta teria sido a negativa de lhes conceder plenos direitos à cidadania espartana, o que significava o seu alijamento da estrutura de poder da pólis metropolitana.<sup>6</sup> Ao estabelecerem o novo assentamento na Península Itálica buscam, possivelmen-

(3) A respeito do uso político do passado v. especialmente A. Appadurai, “The Past as a scarce Resource” *Man*, 16 (1981) 201-19 contra M. Bloch, “The Past and the Present in the Present”, *Man*, 12 (1977) 278-290; I. Morris, “Tomb Cult and the “Greek Renaissance”: The Past in the Present in the 8th Century B.C., *Antiquity*, 62 (1988) 750-61.

(4) A respeito da questão mais genérica dos “cultos de crise” v. Weston La Barre, “Materials for a History of Crisis Cults: A Bibliographic Essay”, *Current Anthropology*, 12 (1) 1971: 3-44.

(5) Nas palavras de James Whitley (1988: 173 ss.) os cultos heróicos constituem um problema histórico e requerem uma explicação histórica; as abordagens “pan-helênicas” de Coldstream, Snodgrass e Polignac anulariam as diferenças locais destes cultos nivelando-os de forma a-histórica.

(6) Este relato remete à interpretação de R. R. Holloway (1991: 46-9) sobre as motivações da colonização grega do Ocidente, destacando-se o descontentamento das antigas camadas dirigentes da Grécia, face à situação nova que vai se instalando na Grécia com a emergência da *pólis*. A perda dos antigos privilégios seria um dos impulsos mais fortes impelindo estes chefes decadentes para a busca de novas áreas onde, eventualmente, poderiam tentar reproduzir o modelo sócio-político a que estavam acostumados.

(2) V. Bibliografia, especialmente os Catálogos do British Museum, do Louvre, e obras gerais como as de Higgins e Mollard-Besques.

te, reproduzir o mesmo modelo de cidade para que pudessem ocupar as posições que lhes haviam sido “usurpadas” pela elite espartana. Assim, no início do séc. V a. C. o sistema político relatado por fontes escritas é um reinado considerado de tipo espartano,<sup>7</sup> com o governante Aristofilides sendo chamado de “basileus” (Heródoto, 3.136)<sup>8</sup> e deflagrando um processo expansionista que alarga sobremaneira as fronteiras da colônia já no século seguinte. O envio de dois monumentos comemorativos a Delfos documenta as vitórias dos empreendimentos bélicos da colônia.

Em 473 a.C., no entanto, uma grave derrota frente a uma confederação de povos nativos liderados pelos iapígios (Heródoto 7.170; Diod. Sic. 11.52) reverte o quadro político, possibilitando a introdução de formas democráticas de poder. Ainda em meados do séc. V a.C., diante do declínio de Crotona, Tarento se afirma como uma das cidades mais ricas e poderosas da Magna Grécia fundando, em 433-32, a colônia de Heracléia (moderna Policoro).

O crescimento econômico de Tarento se faz acompanhar do aparecimento de uma verdadeira elite colonial que os registros arqueológicos atestam especialmente pelos achados das “Tumbas dos Atletas Tarentinos” (Lo Porto 1967: 37-98) localizadas na área urbana da cidade. Nas tumbas A, B e C, datadas dos finais do séc. VI e início do V a.C., antes, portanto, da mudança constituicional democrática, percebe-se o caráter desta elite, voltada para as atividades agonísticas e a busca do sucesso e da glória. São registradas as vitórias em corridas de quadriga, tradicionalmente circunscritas, na Grécia metropolitana, às famílias mais ricas.

(7) A propósito desta inspiração espartana nas instituições políticas tarentinas deve-se observar que pouco se conhece efetivamente sobre o regime político de Esparta ao momento da colonização; alguns autores praticam equívocos ao interpretar eventuais empréstimos levando em conta, na verdade, um modelo político de época bem posterior à fundação colonial. (Mossé, *Atti Taranto*, 1970: 188-9).

(8) Moretti (*Atti Taranto* 1970: 36) discorda desta interpretação, afirmando que Heródoto, assim como Píndaro, usam indiscriminadamente os termos “basileus” e “tirano” para o mesmo personagem. Assim, concorda com Ciaceri (*Storia II*, p. 51) para quem Aristofilides seria um tirano típico do limiar da dissolução do velho mundo aristocrático frente ao início da nova ordem democrática. A discussão é controversa pois o próprio Moretti admite o quão pouco se conhece a respeito da organização política de Esparta à época da colonização (*Atti* 1970: 38).

Assim, a aristocracia documentada pelas tumbas tarentinas é análoga àquela cantada por Píndaro: “amante do belo e da vida destemida, frequentadora dos grandes centros religioso-esportivos da metrópole, sem dúvida culta mas sobretudo rica e a riqueza, se sabe, é símbolo da proteção divina” (Moretti 1970: 39-0).

Durante a Guerra do Peloponeso, os tarentinos aliaram-se aos siracusanos e chegaram até a enviar navios, de acordo com Tucídides (8.91.2).

O período áureo da cidade ocorreu na primeira metade do séc. IV a.C. quando assume o poder Arquitas, filósofo e matemático célebre que atrai para Tarento prestígio e a admiração do mundo grego. A manutenção de uma posição hegemônica frente à crescente pressão das populações nativas vai se tornando, no entanto, difícil de suportar, e os tarentinos apelam inicialmente para a metrópole em busca de apoio e, a seguir, para chefes mercenários estrangeiros.

A expansão de Roma em direção da área tarentina inicia-se em 282 a.C., quando navios da frota romana dirigem-se para o Golfo de Tarento. Pirro, rei do Epiro é chamado para enfrentar os romanos, mas, embora inicialmente os tenha derrotado, em 275 sofre um golpe definitivo e Tarento é submetida a Roma.

### Locais de achado das terracotas tarentinas

Os depósitos de estatuetas de terracota sugerem a presença de áreas de culto na área tarentina desde os sécs. VII e VI a.C. (Wuilleumier 1939: 502-510, Coulson 1976: 879).

Os mais antigos vestígios, na área do Pizzone, sudeste da cidade nova, remontam ao séc. VII e o local vem sendo interpretado como um santuário dedicado a Perséfone ou então às “Duas Deusas”: Deméter e Perséfone. (Lo Porto 1970: 377-8). Para Wuilleumier (1939: 511-2), Perséfone teria um papel preponderante em Tarento, em uma situação paralela à de Locres. Neste sentido, cita, além das estatuetas de terracota onde a deusa aparece só ou associada a uma figura masculina, outros documentos arqueológicos – moedas, *pínakes*, cerâmica pintada – onde a imagem de Perséfone seria recorrente. A presença de Deméter seria bem menos importante e significativa, quase restrita ao papel de mãe de Coré-Perséfone.

O depósito conhecido como Fondo Giovinazzi, também localizado na cidade nova, abrigava cer-

ca de 30.000 peças, sendo as mais antigas datadas do séc. VI e os exemplares mais tardios, com datações que chegam à primeira metade do séc. III a.C. Vale notar que se trata de uma produção contínua. O “Giovinazzi” foi o principal local de achado das séries de “Banqueteadores”; os arqueólogos mais antigos (Viola, Helbig, Dümmler, V. Wullemier 1939: 399, nota 2) pensaram estar diante de áreas de descarte de estatuetas quebradas. Hoje, a atribuição da função de *favissae* a tais depósitos é inquestionável. De acordo com Lo Porto (1970: 378), a proximidade deste depósito com a necrópole vizinha sugere uma relação com as divindades infernais e Wullemier (1939: 399 ss.) as identifica com Dioniso, cultuado também sob o aspecto de seu duplo infernal Hades, e Perséfone. A associação de Perséfone a Dioniso é, no entanto, contestada por Zuntz (1971: 167 e nota 5).

Um terceiro santuário, ainda na cidade nova, próximo ao Castello Saraceno e de frente à Marina Grande, destinava-se provavelmente ao culto de Apolo e das Musas. As estatuetas representando Apolo segurando a lira e as que figuram as Musas são datadas entre o final do séc. V e o início do III a.C. (Coulson 1976: 879). Lo Porto (1970: 378) menciona também uma capela extra-muros dedicada a Apolo Hyakinthos. Localizada a cerca de 5km da cinta murada urbana, teria sido interpretada por Políbio como um *táphos* (VIII, 28).

Finalmente, na região sudoeste da cidade nova, perto da Chiesa del Carmine, foram encontradas séries de relevos dedicados aos Dióscuros, e datados dos sécs. IV e III a.C. (Coulson 1976: 879). Est<sup>es</sup> achados podem sugerir a existência, neste local, de uma área sagrada que lhes seria consagrada; a presença de cultos aos Dióscuros em Tarento é corroborada também pelas representações figuradas em moedas tarentinas, cunhadas entre 344 e 334 a.C., de acordo com a datação de Kraay (1976: 190-191).

Em síntese, os achados das representações dos “Banqueteadores” concentram-se ao longo das margens do **Mare Piccolo**, na região norte da cidade. Não há vestígios arquitetônicos relacionados aos achados mas um dado fundamental deve ser enfatizado: trata-se de uma zona **portuária**, característica que, inclusive, se mantém até hoje. Na Antiguidade esta era uma área de ancoradouro e ponto de embarque de pescadores e viajantes (Kingsley, 1981: 209 e nota 125). O “Fondo Giovinazzi” situava-se, portanto, no caminho entre o porto e uma

das entradas da cidade (Wullemier 1939: 221-2, v. também o mapa detalhando as áreas de achado desta série de terracotas).

A presença de áreas de culto em zonas costeiras apresenta muitos paralelos com a Grécia metropolitana: “capelas portuárias” dedicadas a Poseidon são freqüentes especialmente em cidades à beira-mar, no Peloponeso. Por outro lado, os colonos fundadores de Tarento tinham relações documentadas com o culto de Poseidon do Cabo **Tainaron**: Pausânias (3.25.7) relata a dedicatória de uma pequena representação de Atena em bronze feita pouco antes da partida dos imigrantes para a Itália do Sul (Kingsley, 1981: 206 e nota 87) e depositada em uma capela em Esparta.

Ainda no âmbito da análise dos locais de achado dos “Banqueteadores”, Kingsley reúne uma documentação textual e arqueológica significativa para fundamentar sua hipótese; as figurinhas reclinadas seriam oferendas votivas utilizadas em cultos e festivais dedicados a heróis tarentinos como Falantos e Taras, os quais, por sua vez, estariam genealógicamente relacionados a Poseidon, comprovadamente uma divindade presente em Tarento. A autora assim resume suas conclusões: “The vast numbers of terracotta reclining heroes recovered near the Mare Piccolo become less astonishing if they are considered in terms of a venerable cult and the long life of Taras as a major landfall on the sea route between the eastern and western Mediterranean. By analogy with practice at Cape Tainaron, voyagers surely dedicated gifts upon their arrival or departure of the port of Taras” (Kingsley, 1981: 210).

### Os “Banqueteadores”: origem do tipo e evolução estilística

A coroplastia, segundo Pierre Wullemier, o grande especialista de Tarento, atingiu nesta cidade “um desenvolvimento excepcional” devido à ausência do mármore e à qualidade de sua argila avermelhada. Datadas do séc. VII ao III a.C., computam-se dezenas de milhares de terracotas, especialmente em cinco depósitos votivos: **Pizzone, Giovinazzi, Castello Saraceno, Vaccarella, Chiesa del Carmine** e em sepulturas.

Deste formidável conjunto, destaca-se, como já foi mencionado, a série dos “Banqueteadores”. Os atributos e ornamentos na cabeça, variam bas-

tante em função da época em que as estatuetas foram fabricadas.

Assim, no depósito conhecido como **Fondo Giovinazzi** onde foram recuperados os milhares de exemplares, escalonados sem rupturas do séc. VI ao III a.C., pode-se seguir a evolução estilística e as transformações iconográficas da série (Wuilleumier 1939: 399 ss.). De início, a maioria das estatuetas figura um homem – barbado ou imberbe – reclinado sobre um leito de banquete, o braço esquerdo apoiado sobre uma banqueteta e a perna direita levemente levantada. A bibliografia tradicionalmente refere-se a esta imagem como o “Banqueteador”. Este tipo fundamental permanece por aproximadamente três séculos, muito embora as incorporações e subs-

tituições de atributos sejam constantes (v. Descrição a seguir) e coexistam com o tipo básico que nunca foi totalmente abandonado.<sup>9</sup> Durante os sécs. V e IV a.C. a temática inicial se diversifica e outros figurantes são acoplados à representação básica: uma segunda figura masculina, outra feminina, uma criança se alternam compondo conjuntos variados (Foto 1).

Possivelmente as figuras de “Banqueteadores” que têm *rhyta* como atributo teriam sido as mais antigas (Kingsley 1984: 201) mas a datação dos exemplares de época arcaica e clássica inicial não é muito confiável, tendo em vista que as escavações mais antigas não eram muito bem documentadas. Análises estilísticas comparativas apontam comu-



Foto1: “Banqueteador” e figura feminina (?). Ashmolean Museum, Oxford, In Atti del Decimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Tarento, 1970: tav. XLIV.

(9) V. Higgins, *Catalogue*, pr. 170, figs. 1239-41; pr. 171, figs. 1244-49; pr. 173, fig. 1261; pr. 176-177; pr. 180-181; pr. 187, fig. 1346 e Wuilleumier, prs. XXVIII, XXIX e XXX.

mente para o início da produção dos tipos tarentinos entre 550-525. Herdejürgen, no entanto, data de aprox. 510 a.C. o advento dos “tipos masculinos reclinados” em Tarento (1971: 4-5, 36-38). Kingsley, em base a comparações estilísticas das imagens das terracotas e das moedas, que, em Tarento, começam a ser cunhadas aproximadamente na mesma época, sugere que os primeiros tipos teriam aparecido antes da primeira cunhagem: em um momento “antes de 530” (Kingsley 1981: 203).

Os elementos iconográficos em associação com as figuras humanas variam, como já foi registrado, no decorrer dos séculos: ao *rhyton* sucederam-se a *phiale* e posteriormente o cântaro. Perto do início do séc. V surgem, então, tipos segurando a harpa (*chelys*), similares aos que aparecem nas cunhagens (Kingsley 1981: 203 e nota 35). A técnica de fabricação usada, por meio de moldes independentes para as diferentes partes da peça, permitiu a transformação de figuras básicas em figuras imberbes ou barbados, i.é., representações de jovens ou adultos, com atributos particulares. A cabeleira é enfeitada, de início, apenas com um pequeno barrete ou um boné pontudo (*pilos? kyné?*) ao qual se acrescenta, no final do séc. VI, um diadema, sobreposto, por vezes, por uma fileira de frutas, um disco central e um botão de lótus; no decorrer do séc. V estes ornamentos se transformam em um “bandeau” e um turbante de lã, ao qual são fixadas três grandes rosáceas com seis pétalas e uma alta palmeta central de onde caem longas fitas por vezes decoradas com outras rosáceas (Higgins 1970: figs. 1244, 1290, 1299, 1294, 1315, 1318).

Por volta do séc. V, as duas figuras reclinadas são coroadas com uma *tainia* imitando pérolas e às vezes outros adereços também. O arranjo da cabeça finalmente se transforma em uma grinalda coroada, limitada abaixo por uma *tainia* chata presa com duas rosetas (Wuilleumier 1970: fig. 1346). As alterações na proporção e tamanhos destes arranjos se sucedem até o final do séc. IV (Herdejürgen 1971: 14, 17-18, Tipo IV).

No decorrer do séc. V, uma figura feminina aparece, sentada rigidamente ao pé da *kliné*; no século seguinte, o gestual e a vestimenta são representados de forma mais natural e suave. A mulher se aproxima do homem e segura, por vezes, uma criança. Representações de serviçais, guerreiros armados e cavaleiros podem compor novos conjuntos (Wuilleumier 1939: 402-4).

A figura feminina foi já interpretada como Perséfone ou Ariadne e a criança como Iakchos ou

Dioniso criança. Zuntz<sup>10</sup> contesta firmemente tal hipótese, apoiando-se na ausência de representações de uma dupla “Perséfone-Dioniso” na iconografia grega. Por outro lado, à figura reclinada faltam elementos iconográficos típicos de Dioniso – o tirso, folhas de hera, ramos de vinha – mas que são presentes em outras terracotas tarentinas bem como em pinturas de vasos funerários dos sécs. V e IV. Também a possível “Perséfone” não assume atributos comuns como a tocha, cista ou o porquinho.

## Os “Banqueteadores”: interpretações

### 1. *Deuses ou fiéis?*

Os estudos interpretativos relativos a estas séries de estatuetas começaram a ser publicados já a partir de 1881 (Lenormant 1881-82, 1882) e foram estabelecendo as principais linhas de evolução dos tipos, datados entre os sécs. VI a III a.C. As figurinhas de “Banqueteadores” foram documentadas não só em Tarento – centro produtor original – como também em Metaponto (Letta 1971: 57-110), Heracléia (Lo Porto 1961), Locres (Barra Bagnasco 1977: 147-207 e 151-169) e Medma (Orsi 1917: 37-67, Herdjürgen 1971: 73).

A identificação da figura principal representada vem sendo motivo de discussões entre os especialistas, mas, até o momento, não há uma posição consensual a respeito. Seriam representações de deuses? Heróis? Fiéis? Levando-se em conta os elementos iconográficos relativos aos arranjos da cabeleira, entendidos como atributos específicos de figuras divinas, buscaram-se associações com Dioniso, Dioniso-Pluto/Hades (Higgins 1969: 336-337); já para Herdejürgen, as mais antigas seriam representações de fiéis; Mollard-Besques (1966: 61) adota posições mais cautelosas, evitando definições precisas acerca do personagem figurado. A presença do elmo cônico ou *pilos*, bem como as figuras de cavaleiros (com os mesmos atributos das figuras reclinadas) são aproximadas dos Dióscuros.

Os locais dos achados também vêm sendo utilizados como critério na identificação das estatu-

(10) Zuntz (1971: 167, nota 5), ao criticar a interpretação das estatuetas como uma representação da “sagrada família”, argumenta sobre a inexistência de evidências que assegurem tal identificação: “No marital association of Dionysos and Persephone is attested anywhere except in two late Latin sources (*Mythogr. Vat.* li. 41 and schol. *Stat. Theb.* iv. 482).

tas. Assim, o fato de os mais antigos exemplares estarem em depósitos localizados nas proximidades das necrópoles, direcionou a interpretação para as divindades funerárias ou ctônias. Por outro lado – em contexto tarentino – não há o registro recorrente destas figurinhas em enterramentos.

As necrópoles tarentinas apresentam algumas peculiaridades: situavam-se dentro da área murada urbana, compreendendo, nos sécs. IV e III a.C., uma grande área situada na região oriental ocupando cerca de 2/3 do total do assentamento urbano. Na verdade, esta localização que contradiz a norma grega de situar a “cidade dos mortos” fora da cinta murada, teria sido, de acordo com Lo Porto (1970: 380) uma adequação da cidade em crescimento às condições topográficas do sítio. É interessante notar que entre as sepulturas foram encontrados *bothroi* com fragmentos cerâmicos e terracotas configurando verdadeiras *favissae* funerárias dos *ex-votos* oferecidos aos mortos e provenientes das oficinas de ceramistas e coroplastas espalhados na região da necrópole. (Lo Porto 1970: 381). Os tarentinos também construíam *naskoi* nos cemitérios reproduzindo uma prática comum na Ásia Menor. Tantos cuidados com os mortos constituem um dado a mais para que os cultos funerários sejam considerados de capital importância na colônia (Wuillemier 1939: 538 ss.).

A análise dos atributos figurados nas estatuetas dos “Banqueteadores” não permite concretamente a associação com as divindades apontadas pelos autores, tais como Dioniso, Hades, Perséfone. A presença de um ou outro atributo mais característico é sempre aleatória, em flagrante contraste com a permanência dos tipos por séculos. Assim, mais do que a representação de uma figura divina, parece haver uma intenção de retratar um tipo. Um herói?

## 2. Heróis?

Desde o começo do século pensou-se também em identificar as figuras reclinadas como representações de heróis. Peterson (1900: 60-1) iniciou uma tradição no sentido de relacionar as figurinhas com figuras de heróis documentadas pela literatura relativa a Tarento e Paribeni (1964: 112-5), meio século depois, atribuiu as terracotas a um eventual culto aos Dióscuros. Na verdade, os estudos comparativos com imagens similares aos “Banqueteadores” em placas votivas e moedas conduzem a cronologia para meados do séc. IV e, portanto, bem posterior à voga inicial das figuras reclinadas em terracota.

O herói **Hyakinthos**, originário de **Amyklai**, na Lacônia, também é constantemente mencionado diante da presença de seu *táphos* em Tarento. No entanto, iconograficamente, não há relações claras com as estatuetas em questão e as datações dos tipos efetivamente relacionados ao seu culto indicam o final do séc. IV como marco inicial desta produção (Kingsley 1981: 205-6).

Bem mais fundamentadas no que diz respeito às fontes arqueológicas e textuais são as interpretações baseadas na associação das representações com o culto de Poseidon, do *oikistès* Falantos e do herói epônimo Taras como já foi apontado. (Giannelli 1968: 15-27, Kingsley: 211 ss.).

Falantos tem uma profunda relação com a vida da colônia, atestada por ampla tradição textual (Antiochos, Diodoro, Dionísio de Halicarnasso, Pausânias). Antes mesmo de se notabilizar no papel de *oikistès*, teria sido o líder de uma revolta dos hilotas contra os lacedemônios, ainda na metrópole, rebelião esta que, malograda devido à delação de um dos integrantes, resultaria em uma das principais razões da vinda para a Itália do Sul. De acordo com Antiochos, este evento teria ocorrido durante um festival de **Hyakinthos**, em Amyklai, o que sugere a relação dos revoltosos com o herói que será posteriormente cultuado na nova polis. Outra importante informação nos chega através de um relato de Justino (3.4, citado por Kingsley 1981: 206) sobre uma petição feita pelos companheiros de Falantos, após sua morte, exilado em Breteison, para que suas cinzas pudessem ser espalhadas no mercado em Tarento: “Thus, by the collaboration of the exiled leader and the help of the enemy, the Parthenii gained possession of Taras forever. In memory of his services they established divine rites to Phalanthos”. Assim, a expansão territorial tarentina também aparece como um resultado da ação de Falantos. De acordo com Carratelli (1970: 135-138), Falan<sup>to</sup>s seria o epônimo de um dos mais nobres genos tarentino, os **Phalantiadai**. Tarento é chamada de “**Phalanteum**” por Horácio (Carmina, 2.6.12) e Silius Italicus (11.16).

Um dado interessante relativo ao episódio da conjura dos hilotas comandados por Falantos contra os esparciatas é a descrição do boné ou chapéu por ele usado e de seu significado, que, de acordo com Estrabão, citando Eforo (VI.279, Kingsley 1981: 208): “Joining forces with helots they plotted against the Lakedaimonians. They agreed, therefore, upon the Lakonian *pilos* as the signal in the agora for the moment when they would attack”. O

detalhe do uso do *pilos* ou *kyné*, de acordo com Antiochos – os dois termos podiam ser intercambiáveis –, deve ser relacionado com as figurinhas dos “Banqueteadores”, visto tratar-se de um atributo bastante freqüente.

A interpretação de Kingsley em relação às figurinhas tarentinas reclinadas é bastante coerente e fundamentada. Aliando os locais de achado – áreas próximas do mar, típicas de centros de culto de Poseidon (Schumacher 1993: 820) – com tradições textuais e materiais (moedas, *dipinti*) que enfatizam a recorrência das figuras heróicas no imaginário coletivo dos tarentinos, a autora aponta também para a assimilação de traços característicos de figuras divinas locais. Conclui, então, “Phalanthos has the earmarks of an old, local deity, a hero-*daimon* whose aboriginal nature may have been that of the “...awful serpent that people say was reared at Tainaron and was called the hound of Hades”, of Silenos of Malea and Pyrrhichos, of the guardians of springs, or of the lakes where fishermen might be turned into fish. Of these *daimones* of death, who came to be identified with Poseidon and Dionysos before emerging as distinct and anthropomorphized personalities, Fontenrose has observed, “A mythical figure can change and proliferate and still remain true to the original conception”. The reclining terracotta heroes of Taras, with their funerary and festive trappings, their exotic beasts, race horses and armor, illustrate the point. Though the nature of the heroes and even the function of their cult may have expanded and altered over the centuries, their primary character is preserved in the heretofore puzzling detail of the votive figurines” (Kingsley 1981:212-3 e notas 166-8).

A concordância com uma interpretação do tipo “Banqueteador” com figuras de heróis consagrados por relatos textuais (muitos deles, inclusive, de época bastante tardia), por si só não acrescenta muito ao que já foi debatido desde o começo do século. Importa sim, tentar situar esta recorrência na figuração dos “heróis” em relação a um quadro histórico complexo e particular, o de uma colônia que se estrutura quase que ao mesmo tempo em que as *póleis* gregas metropolitanas também vão definindo suas hierarquias de valores religiosos, políticos e culturais. Os conflitos decorrentes destes momentos de profunda crise social, com certa freqüência são mediados por cultos, que La Barre (1971) denomina “crisis cults” e que auxiliam os grupos sociais no entendimento e superação destas fases. Teriam os cultos heróicos nas colônias uma significação similar? Morris (1988:

758) afirma que ...“the cults (tomb cults) show the conflict of ideologies in the 8th. century, fitting into the very centre of the struggles between the old, Dark Age aristocratic structures and the emergent polis.” A análise da situação colonial com certeza favorecerá outros ângulos de observação da própria área metropolitana.

### O Culto Heróico na Grécia e áreas coloniais

A interpretação dos “Banqueteadores” poderá ser melhor equacionada se inserida na debatida questão do culto heróico aos *oicistas*, freqüentemente atestado em áreas coloniais (Cf. Polignac 1984: 127; 144-5; v.p. 145, nota 54).

Desde o começo do século, vem ocorrendo uma intensa discussão sobre o sentido dos cultos heróicos na Grécia<sup>11</sup> e nos últimos vinte anos a multiplicação dos estudos relativos à **Dark Age** – época em que tais cultos conheceram especial florescimento – favoreceu um aprofundamento do debate. Não caberia nos limites deste artigo e, não constitui o seu objetivo, detalhar as discussões ainda em andamento. Nos limitaremos, pois, a expor as linhas da discussão atual e, a partir daí, compará-las com as evidências já apontadas para o caso tarentino.

Os arqueólogos que vêm debatendo os sentidos de que se reveste o culto heróico entre os gregos podem ser, *grosso modo*, situados em duas linhas de interpretações principais: uma, enfatiza a difusão dos poemas homéricos no séc. VIII a.C. como o principal fator propulsor dos cultos heróicos; outra, os relaciona a momentos de crise – como a formação das *póleis*, por exemplo – propiciadores, segundo esta abordagem, de apropriações significativas de um passado que é reinterpretado e utilizado de diferentes formas, sendo que a mais comum é a legitimação de uma ordem social (ou política) emergente. As duas abordagens nem sempre são totalmente excludentes: a circulação dos poemas homéricos é, por vezes, levada em consideração mas apenas como **um** fator e não o mais importante (Antonaccio).

(11) V. a propósito de uma avaliação sintética dos estudos sobre os cultos heróicos na Grécia Ainian (1997: 349-357) e Antonaccio (1994). Ainian cita, como edição (no prelo): ed. R. Hägg, *Ancient Greek Hero Cult*. Fifth International Seminar on Ancient Greek Cult. Göteborg, April 21-23, 1995.

Farnell (1921), Cook (1953) e Coldstream (1976) são alguns dos autores que se inserem na primeira perspectiva, superdimensionando o papel da épica homérica na constituição das práticas cultuais documentadas, em parte, pelos achados de oferendas votivas datadas do séc. VIII a.C., em tumbas de época micênica. Coldstream, por exemplo, efetuou um rigoroso mapeamento destes achados pelos sítios da Grécia, datando os artefatos ofertados, de sorte que, se comprovada a ausência desta prática antes da chamada “Era de Homero” (750-650 a.C.), estariam cronologicamente associados os dois fenômenos: a difusão da épica e dos cultos heróicos. Os seus resultados apontam para uma relação interessante entre a mudança ou não dos padrões funerários na transição do Período do Bronze para a Idade do Ferro e a presença de evidências materiais representativas do culto heróico. Assim, por exemplo, em sítios da Argólida e Messênia onde houve uma alteração radical nas formas de enterramento, atestam-se as oferendas votivas nas antigas sepulturas micênicas. Em contrapartida, em áreas como a Tessália e Creta onde as mudanças não foram significativas e até mesmo as *thóloi* permanecem como estruturas funerárias em uso, o culto heróico não é atestado. A conclusão de Coldstream é que a “estranheza” causada pelos vestígios monumentais da arquitetura funerária de época micênica provocaria um impacto formidável naquelas populações que não mais dispunham destes aparatos construtivos, levando-as a associá-los com o passado épico glorificado pelos poemas de Homero. Daí a venerar os “heróis” sepultados em seus territórios entende-se como um procedimento natural, mesmo que a identidade deste herói não fosse conhecida. O surgimento de representações figuradas na cerâmica corresponde aproximadamente à mesma época e teria se constituído, na opinião de alguns, tanto como tributário da voga da épica quanto um fator potencializador da difusão dos cultos heróicos (G.Ahlberg – Cornell 1992).

J. Hurwit, por exemplo, observa na arte narrativa do Geométrico Tardio, cujas imagens estariam supostamente relacionadas à difusão da épica, um instrumento utilizado pela aristocracia para legitimar seu direito de manutenção no poder – justificável em termos de uma antiga ascendência heróica – diante de uma sociedade que caminhava rapidamente para integrar-se à estrutura econômica das *póleis* (Hurwit 1985: 124).

Nos recentes anos 80, os estudos relativos aos cultos heróicos voltaram-se reiteradamente para uma minimização do papel da épica buscando nas

transformações históricas da chamada “Renascença Grega” e, mais especialmente nos processos responsáveis pela emergência das diferentes *póleis*, as referências sócio-políticas que estariam na raiz da proliferação dos cultos heróicos.

Esta abordagem, com algumas variações, está presente em autores como Snodgrass, Whitley, Bérard, Morris, Polignac e Antonaccio, dentre outros (V. bibliografia). A seguir, uma rápida apresentação de alguns tópicos ressaltados por estas interpretações:

Snodgrass aponta a proliferação de cultos heróicos no limiar da época arcaica, como um evento relacionado à mudança de uma economia de tipo pastoril para aquela de base agrícola que irá caracterizar a subsistência dos gregos dos períodos subsequentes. Aos pequenos proprietários livres seria fundamental estabelecer vínculos com ancestrais lendários para que pudessem legitimar a posse da terra.

Whitley observa, na Ática, uma competição pela posse da terra e, nesta disputa acirrada, os proprietários sentem-se ameaçados pelas reivindicações das camadas sociais menos favorecidas, mas então fortalecidas pelos ideais de isonomia das *póleis* emergentes. O culto heróico surge, então, como um componente ideológico importante nesta conjuntura de crise política e social.

Bérard, analisando o culto heróico documentado em Erétria (“West Gate”), atribui à aristocracia dirigente a sua propagação, com o intuito de minimizar o poder dos antigos “basileis” e fundamentar a instauração de uma nova ordem política.

Polignac ressalta a necessidade das *póleis* em formação no sentido de delimitar as suas fronteiras e que, para tanto, os cultos heróicos e os santuários extra-urbanos constituem-se em formas simbólicas básicas no processo de apropriação legítima de um território.

Morris, Ainián e Antonaccio também acentuam o sentido político assumido pelos cultos heróicos mas criticam as teorias gerais que buscam interpretá-los em conjunto, mesmo ocorrendo em diferentes regiões e contextos socio-econômicos particulares. A investigação de casos específicos seria a forma adequada de captar toda a complexidade deste problema.

Em síntese, o uso político do passado é um problema fundamental a ser discutido, em especial quando deparamos com momentos históricos caracterizados por crises profundas, como as que se instauram no âmbito do poder político diante da emergência eminente das *póleis*. A abordagem do

passado, no entanto, varia em função do grupo que dele se apropria: “A shared past may exist (Panhellenic, say) but different groups in a community may each hold a separate past, or place a different emphasis upon some aspect of the shared past” (Antonaccio 1994: 408). Citando o importante texto de Arjun Appadurai (1981), Antonaccio analisa a questão crucial das versões conflitantes do passado afirmando que “The past is a ‘scarce resource’ not mere grist for contemporary ideological mills (whether a *genos*’s heroic genealogy or polis cult). Instead, cultures have rules that govern the past’s debatibility”. (Antonaccio 1994: 408, notas 103-6). No mesmo sentido vão as observações de Morris (1988: 750) que, questionando as interpretações “globalizantes” dos cultos às tumbas, afirma: “The same cults could simultaneously evoke the new, relatively egalitarian ideology of the polis and the older ideals of heroic aristocrats who protected the grateful and defenceless lower orders, while standing above them”.

A identificação das estatuetas dos “Banqueteadores” como figuras de heróis tarentinos – muito embora não se possa afirmar com certeza a qual deles especificamente se faça a referência – nos parece ser um caso interessante a ser aprofundado nesta linha de interpretação. Um estudo sobre os desdobramentos dos cultos heróicos em áreas periféricas com certeza fornecerá dados para que se percebam os diferentes significados que assumem

para diferentes grupos, seja em uma mesma comunidade. Na situação da colônia tarentina, como analisar o comportamento dos primeiros colonos (partênios) e, por exemplo, de seus descendentes, para quem as motivações iniciais, advindas da forma como se deu o abandono da metrópole, talvez pasassem a ter menos importância do que a defesa de suas fronteiras frente à ameaça das populações itálicas? Assim, o culto a Falantos é justificado, no séc. IV, em função de seu papel como consolidador da expansão territorial tarentina (Justinus 3.4, Kingsley 1981: 206) e não por sua atuação como líder e condutor na fundação da colônia.

A riqueza de perspectivas que se apresentam para o estudioso do mundo grego, ao enfocar o uso político do passado, nos parece sintetizada com clareza e precisão por Carla Antonaccio: “The richness and variety of the evidence for the Greeks” concern with their own past make many readings possible. No single version should be sought; ritual and text, archaeology and philology, reveal differences that should be acknowledged, not reconciled. The ambiguities and multiple stories of the Greeks are keys to understanding how the past functioned for them: a source of authority, a fertile field for the ever-shifting definitions of power, identity, and authenticity” (Antonaccio 1994: 410). Acreditamos que as figurinhas tarentinas, em suas relações com cultos heróicos de cunho colonial, são referências materiais básicas para uma investigação desta natureza.

## CATÁLOGO

Cabeça masculina. O rosto apresenta nariz longo e forte; boca com lábios grossos; pálpebras bem delineadas; cabelo bipartido, ondulado e preso lateralmente. Ornado com tiara que termina junto aos ombros e *stephané* decorada com rosetas.

Argila rosada, bem homogênea e cozida. Há levíssimos sinais de impurezas e traços de pintura branca; na face (lado esq.) nota-se mancha avermelhada. Os ornamentos plásticos foram aplicados após a moldagem da peça. Verso sem modelado.

Wuilleumier, *Tarente*, pr. XXIX, 5; pr. XXX, 3; Levi, *Le terrecotte*, fig. 38; Higgins, *Catalogue*, pr. 180, nº 1315.

Fig. 1 – Invº 64/13.12 –  
Séc. V a.C. Dimensões:  
Alt.: 6,7 cm; Larg.: 7,9 cm.





Busto masculino, despido. O rosto apresenta nariz longo e forte; olhos globulares; lábios formando comissuras. O cabelo é bipartido no centro. Ornado com *stephané* (?), fileira de grossas pérolas, tendo ao centro um ornamento circular semelhante a uma pequena patera umbilicada, com palmeta sobreposta. Argila avermelhada, homogênea e bem cozida. Há sinais de mica e pintura branca. Fabricada por estampagem. Higgins, *Catalogue*, pr. 171, n<sup>o</sup> 1244, 1246; pr. 170, n<sup>o</sup> 1237; pr. 172, n<sup>o</sup> 1259; Wuilleumier, *Tarente*, pr. XXIX, 5; pr. XXX, 3.

Fig. 2 – Inv<sup>o</sup> 64/ 10.8 – Séc. V a.C. – Dimensões: Alt.: 11,6 cm; larg.: 8,5 cm.

Cabeça masculina. O rosto apresenta olhos bem delineados; nariz largo e longo; lábios salientes. A cabeleira é bastante elaborada incluindo largo *ampyx* sobrepondo-se a três camadas de rolinhos em que foi arranjado o cabelo; acima do *ampyx*, nova camada de rolinhos encimados por palmeta.

Argila bege clara, homogênea, cozimento regular. Fabricada por moldagem; o verso é plano. Há sinais de impurezas (mica, sobretudo) e pintura branca.

Wuilleumier, *Tarente*, pr. XXX, 2; Mollard-Besques, *Catalogue I*, pr. XCI, C 293 e C 304; pr. XCV, C 425.



Fig. 3 – Inv<sup>o</sup> 64/ 10.12 – Séc. V a.C. – Dimensões: Alt.: 10,8 cm; Larg.: 5,8 cm.

Cabeça masculina. O rosto apresenta nariz largo e longo; boca pouco delineada, olhos globulares e salientes. Na frente *ampyx*, de onde caem, lateralmente, tufos de cabelo ondulado. O *ampyx* é ladeado por rosetas e fitas e coroando tais arranjos, motivo vegetal encimado por palmeta.

Argila rosada, pouco homogênea, cozimento regular. Há sinais de pintura branca. Fabricada por estampagem.

A bibliografia é a mesma das Figs. 2 e 3.



Fig. 4 – Invº 64/10.6 – Séc. V a.C. Dimensões: Alt.: 7.0 cm; Larg.: 4.2 cm



Figura masculina reclinada, fragmentada: é conservada uma pequena parte do torso e do antebraço direito enquanto que do lado esq. somente o início do ombro. Também é visível uma taça que estaria sendo segura pela mão esq. apoiando-se contra o torso. O rosto apresenta nariz longo e forte; lábios formando comissuras; queixo saliente e olhos globulares. O cabelo é bipartido na frente. Ornado com *stephané* e fileira de pérolas encimada por palmeta.

Argila bege-avermelhada, homogênea, pouco cozida. Há vestígios de pintura branca e vermelha. Fabricada por estampagem.

Ashmole, *Greek Sculpture*; Higgins, *Catalogue*, prs. 1237, 1241, 1244, e 1246.

Fig. 5 – Invº 64/10.13 – Séc. IV a.C. – Dimensões: Alt. 11 cm; Larg.: 8.2 cm.



Fig. 6 – Invº 64/ 13. 9 – Séc.V – Dimensões: Alt.: 19.5 cm; Larg.: 16 cm.

Fragmento de relevo representando fig. masculina de pé, semi-despida. O braço esq. segura escudo circular, a perna esq. avança à frente. Veste apenas *chlamyde* bem curta, que chega às espáduas. Abaixo do escudo é visível uma perna prova-

velmente de cavalo, contra o qual a figura estaria apoiada. Argila amarelo-rosada, homogênea, bem cozida. Há leves sinais de mica e pintura branca. Fabricada por estampagem. Levi, *Le terrecotte*, fig. 126.

HIRATA, E.F.V. Tarentine terracottas and the heroic cult in a colonial area. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8: 129-143, 1998.

**ABSTRACT:** The main goal of this paper is to present an interpretation of the tarentine terracotta figurines usually known as “Banqueters” relating them to the heroic cults that have a large diffusion around the Greek world specifically during the Archaic age. The political use of the past by the emergent rulers can be a proficuous approach to the heroic cults and the colonial area provides an example: the *oikistés* cult has many similarities with motherland’s situation at the moment of *póleis*’s emergence.

**UNITERMS:** Tarento – Heroic cults – “Banqueters” – Emergent rulers – Terracotta figurines.

### Referências bibliográficas

- A.A.V.V.  
1996 *I greci in Occidente. Santuari della Magna Grecia in Calabria*. Nápoles.
- ABRAMSON, H.  
1979 A Hero Shrine for Phrontis at Sounion? *Californian Studies in Classical Antiquity*, 12 1-9.
- AHLBERG-CORNELL, G.  
1992 *Myth and Epos in Early Greek Art*. Jonsered, (SIMA 100).
- AINIAN, A.M.  
1997 From rulers’ dwellings to temples. Archaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece. 1100-700 BC. *Studies in Mediterranean Archaeology*, vol CXXI.
- ALCOCK, S.E.  
1991 Tomb Cult and the Post-Classical Polis. *AJA*, 95: 447-467.
- ANTONACCIO, C.  
1995 *An Archaeology of Ancestors, Tomb and Hero Cult in Early Greece*. Lanham.
- ANTONACCIO, C.  
1994 Contesting the Past: Hero Cult, Tomb Cult, and Epic in Early Greece. *AJA*, 98: 389-410.
- ASHMOLE, B.  
1934 Late Archaic and Early Classical Greek Sculpture in Sicily and South Italy, *Proceedings of the British Academy*, 20: 91-122.
- BARRA BAGNASCO, M.  
1977 Problemi di coroplastica locrese. *Locri Epizefiri*, I. Firenze.
- BÉRARD, C.  
1982 Récupérer la mort du prince: héroïsation et formation de la cité. G. Gnoli; J.P. Vernant (Eds.) *La mort: les morts dans les sociétés anciennes*. Cambridge: 80-105.
- CIACERI, E.  
1911 *Culti e miti nella storia dell’ antica Sicilia*. Catânia.
- COLDSTREAM, J.N.  
1976 Hero Cults in the Age of Homer. *JHS*, 96: 8-17.
- COOK, J.M.  
1953 The cult of Agamemnon at Mycenae. *Geras A. Keramopoullou. Atenas*: 112-118.
- COULSON, W.D.E.  
1976 Taras R. Stillwell (Ed.) *Princeton Encyclopedia of Classical Sites*. Princeton: 878-880.
- EVANS, A.  
1989 The Horsemen of Tarentum. *Numismatic Chronicle*: 1-227.
- FARNELL, L.  
1921 *Greek Hero-Cult and Ideas of Immortality*. Oxford.
- GIANNELLI, G.  
1963 *Culti e miti della Magna Grecia*. Contributo alla storia più antica delle colonie greche in Occidente. Florença: 15-60; 241-6.
- FONTENROSE, J.  
1959 *Python, a Study of Delphic Myth and Its Origins*. Berkeley.
- HÄGG, R. (Ed.)  
1995 *Ancient Greek Hero Cult*. Fifth International Seminar on Ancient Greek Cult. Göteborg (Atas no prelo).
- HERDEJÜRGEN, H.  
1971 Die Tarentinischen Terrakotten des 6. bis 4. Jahrhunderts v. Chr. *Antiken Museum Basel*. Mainz.  
1978 *Katalog. Götter, Menschen und Dämonen. Terrakotten aus Unteritalien*. Sonderausstellung im Antikenmuseum Basel, 16 April-20 August 1978, Basel.
- HIGGINS, R.  
1970 *Catalogue of terracottas*. British Museum. Greek 730-330 BC. Londres.
- HOLLOWAY, R.R.  
1991 *The archaeology of Ancient Sicily*. Londres.

- HURWITT, J.  
1985 *The Art and Culture of Early Greece*. Londres.
- KINGSLEY, B.M.  
1981 The Reclining Heroes of Taras and Their Cult. *California Studies in Classical Antiquity*, 12: 201-220.
- KRAAY, C.  
1976 *Archaic and Classical Greek Coins*. Berkeley.
- LACROIX, L.  
1966 *Monnaies et colonisation dans l'Occident grec*. Bruxelles.
- LARSON, J.  
1995 *Greek Heroine Cults*. Madison.
- LENORMANT, L.  
1881-82 Notes archéologiques sur Tarente”, *GazArch*, 7: 161-170.
- LETTA, C.  
1971 *Piccola Coroplastica Metapontina nel Museo Archeologico Provinciale di Potenza*. Nápoles.
- LEVI, A.  
1926 *Le terrecotte figurate del Museo Nazionale di Napoli*. Florença.
- LO PORTO, F.G.  
1961 Ricerche archeologiche in Heraclea di Lucania. *Bolletino d'Arte*, 46: 136-137.  
1967 Tombe di atleti tarentini. *Atti e Memorie della Società Magna Grecia*. Nápoles: 31-98.  
1971 Topografia antica di Taranto. *Atti del Decimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia*. Tarento, 1970: 343.
- MORGAN, C.  
1990 *Athletes and Oracles*. The transformation of Olympia and Delphi in the eighth century BC. Cambridge.
- MORETTI, L.  
1971 Problemi di storia Tarentina. *Atti del Decimo...* Tarento, 1970: 21-22.
- MORRIS, I.  
1988 Tomb Cult and the “Greek Renaissance”: The Past in the Present in the 8th. Century B.C.. *Antiquity*, 62: 750-61.
- MOLLARD-BESQUES, S.  
1954 *Catalogue raisonné des Figurines et Reliefs en terre-cuite grecs étrusques et romains*. I. Époque Préhellénique. Paris.
- NAGY, G.  
1979 *The Best of the the Achaeans: Concepts of the Hero in Archaic Greece*. Baltimore.
- PARIBENI, E.  
1964 Eroi tarantini e Dioscuri. *Festschrift von Mercklin*. Hamburg: 112-115.
- PETERSON, E.  
1900 Dioskuren in Tarent. *RömMitt*, 15: 60-61.
- POLIGNAC, F. de  
1984 *La naissance de la cité grecque: cultes, espace et société VIIIe. VIIe. siècles avant J.C.* Paris.
- PRICE, T.H.  
1973 Hero cult and Homer. *Historia*, XXII: 129-144.
- PUGLIESE-CARATELLI, G.  
1971 Per la Storia dei culti di Taranto. *Atti del Decimo...* Tarento, 1970: 133-145
- SCHUMACHER, R.W.M.  
1993 Three related sanctuaries of Poseidon: Geraistos, Kalaureia and Tainaron N. Marinatos; R. Hägg (Eds.) *Greek Sanctuaries. New Approaches*. Londres: 62-87.
- SHERRATT, E.S.  
1990 “Reading the text”: archaeology and the Homeric question. *Antiquity*, 64: 807-24.
- SNODGRASS, A.  
1982 Les origines du culte des héros dans la Grèce antique. G. Gnoli; J.P. Vernant (Eds.) *La mort, les morts dans les sociétés anciennes*. Cambridge: 107-19.  
1979 Poet and Painter in the Eighth Century Geece *ProcCambrPhilSoc*, 25: 118-130.  
1980 Towards the Interpretation of the Geometric Figure-Scenes. *AM*, 95: 51-58.
- WHITLEY, J.  
1988 Early States and Hero Cults: A Reappraisal. *JHS*, 108: 173-82.
- WUILLEUMIER, P.  
1939 *Tarente des origines à la conquête romaine*. Paris.
- ZUNTZ, G.  
1971 *Persephone*. Three essays on religion and thought in Magna Grecia. Oxford.